

## RUMO E QUERÊNCIA PARA UM TROPEIRO MORTO

Apparício Silva Rillo

### I - RUMO

Como terá sido?  
Quando foi?

Não importa a resposta ao tropeiro morto.  
Morto no imenso e verde campo.

Verde e imenso.

Como um mar interior de flechilha e de trevo.

Ele agora sabe as respostas melhor que os que ficaram.

Todas as indagações que levou vida afora  
na mala de garupa,  
leves para a anca do pingo  
e pesadas para suas razões de índio bruto,  
tem agora a marca e o sinal do entendimento.

Tudo agora se aclarou,  
como um velho galpão de estância, penumbroso,  
de que se arrancasse de golpe o santa-fé  
para um banho de sol ao meio-dia.

Acontece que ele cruzou a última porteira  
e depois dela, os campos são imensos e verdes  
como os da querência onde cruzou desde guri.

Ah, são imensos e verdes os campos do outro  
lado,  
e as respostas que uma vida inteira lhe negou  
estão à flor da terra, embonecadas e simples  
como os pendões de flechilha sobre os campos  
quando é tempo de viço e primavera.

Nem precisa perguntar, tudo és tão claro!  
Tudo o que dentes parecia misterioso  
como um grotão de mato à meia-noite.  
Agora sabe  
por que foi pobre e foi só a vida inteira,  
e sabe por que razão a china ruiva  
fez pata larga no rumo de outro rancho mais rico  
do que o seu.

Mas já cruzou despacito a última porteira  
e no lado de cá todos os homens e todas as  
chinas são iguais.

Por que se preocupar com o que ficou?

Se do lado de cá os campos são imensos e são  
verdes  
como um mar interior de flechilha e de trevo:  
Se a lua andarenga é a potranca matreiraça  
que se bandeou pra cá no sovêu de um mandado;  
Se as estrelas são a mesma tropa arisca  
que rondava em campo aberto quando moço.  
Caramba! Que mais pode pedir?

- Como teria sido?  
Quando foi?

Só o tropeiro morto sabe...  
...Mas não diz...

### II - QUERÊNCIA

Querência, Senhor, para o tropeiro morto.  
Para o tropeiro que chegou à tua porta  
arrastando no ferro das chilenas  
duas pequenas estrelas cantadeiras.

Olha-o, Senhor: ele chegou cansado do caminho.  
É que deixou encilhado o flete amigo  
junto aos varões da última porteira,  
para chegar junto a ti como nasceu: puro e  
sozinho.

Dá-lhe um cepo a teu pé, onde se assente.  
Podes deixá-lo à vontade, ele é de casa.  
E se a estrela boieira estiver perto,  
ele talvez a confunda, acesa e clara,  
com os fogos de chão de galpões e de rondas.  
Verás que sobre ele espalmará as mãos grossas e  
rudes,  
naquele gesto ritual dos fogões campechanos  
- gesto que é tanto teu, Senhor, quando  
abençoas.

Querência, Senhor, para o tropeiro morto.  
Para o tropeiro que chegou à tua porta  
sem precisar perguntar por ti, pelo caminho.

A estrela do pastor mostrou-lhe o rumo,

e o teu apelo, a tua voz, Senhor, soava-lhe no  
peito  
como um sinerço de bronze a tanger no silêncio.  
Verás que ele falarás contigo frente a frente,  
de um parceiro de ofício,  
quase irmão.

Querência senhor para o  
tropeiro morto  
que chegou para servir-te e  
bater à tua porta  
trazendo a alma aberta sobre  
as mãos,  
- como um pala de seda muito  
branco  
que a poeira do tempo não  
tisonou.

Dá-lhe, Senhor, a distância  
infinita de teus campos,  
imensos e verdes como os da  
querência que deixou.  
Dá-lhe, Senhor, a tropilha dos  
ventos para encilha,  
onde relincham os cavalos que  
renasceram da morte dos  
combates  
para os tropéis de liberdade  
de teu céu.

E dá-lhe, Senhor, a tropa  
ruiva-ruana de estrelas  
para as toadas de ronda,  
reponte e pastoreio,  
que as avozinhas do pago lhe  
ensinaram  
muito de ouvido e mais de  
coração.

Querência, Senhor, para o  
tropeiro morto,  
renascido à sua imagem e  
semelhança,  
teu parceiro de ofício, quase  
irmão.

Como teria sido?  
Quando foi?

Só vós sabeis, Senhor...  
...e não direis!

a face curtida de sóis e curtida de ventos  
encarando-te a face,  
confiante em teu juízo sobre ele,  
será um juízo de pastor para tropeiro,